

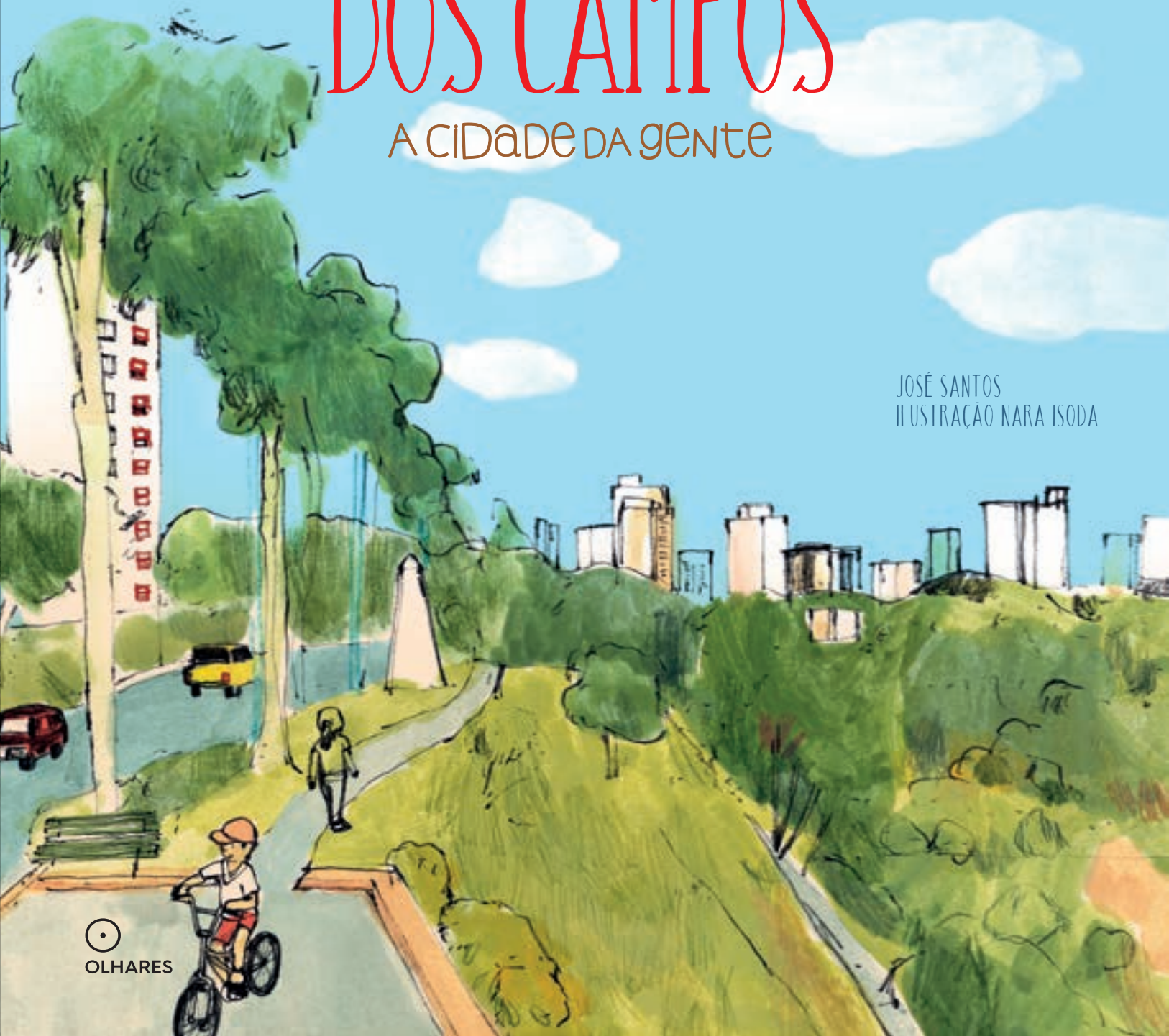
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

A CIDADE DA GENTE

JOSÉ SANTOS
ILUSTRAÇÃO NARA ISODA



OLHARES





SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

A CIDADE DA gente



JOSÉ SANTOS
ILUSTRAÇÃO NARA ISODA

Educação que transforma

Segundo dados do Ministério da Educação, a falta de recursos em escolas públicas localizadas em territórios de vulnerabilidade social no Brasil ainda é uma realidade, apesar dos avanços. Além de trabalhar para ser parceira da agricultura nacional, a Monsanto busca contribuir com o desenvolvimento da sociedade brasileira como um todo, principalmente das comunidades onde atua.

E é exatamente isso que faz o projeto A cidade da gente, apoiado pela empresa. A iniciativa viajou por cidades brasileiras e levou alunos da rede pública aos principais núcleos históricos e pontos turísticos de seus municípios, tendo como resultado a publicação de uma série de livros. As impressões coletadas e retratadas pelo autor José Santos em São José dos Campos dão vida a este livro.

Conhecer a história do lugar em que se vive é mergulhar na própria origem. Nosso compromisso é tornar as crianças protagonistas de sua história, contribuindo com o desenvolvimento da educação do Brasil.

A contribuição responsável está no DNA da Monsanto. Somos uma empresa agrícola que desenvolve soluções integradas e seguras para auxiliar no avanço responsável da agricultura e da produção de alimentos, mas também investe continuamente em estimular e difundir práticas de desenvolvimento social, pois acreditamos no equilíbrio social, ambiental e econômico. Assim reforçamos nosso compromisso com o desenvolvimento da agricultura brasileira, com responsabilidade e sustentabilidade.

Nas próximas páginas, você acompanha os resultados deste trabalho.

Monsanto





Apresentação

Valorizar a própria história é um trampolim para a autoestima e a realização pessoal. Com esse norte, a coleção A cidade da gente investiga a história e o cotidiano de pequenas e médias cidades brasileiras, em parceria com as crianças e professores de escolas públicas locais. O resultado são livros infantojuvenis que prometem se tornar importantes referências de conhecimento, apoiando a perpetuação e a disseminação das memórias dessas cidades e ampliando a percepção das crianças sobre sua identidade e o ambiente onde vivem.

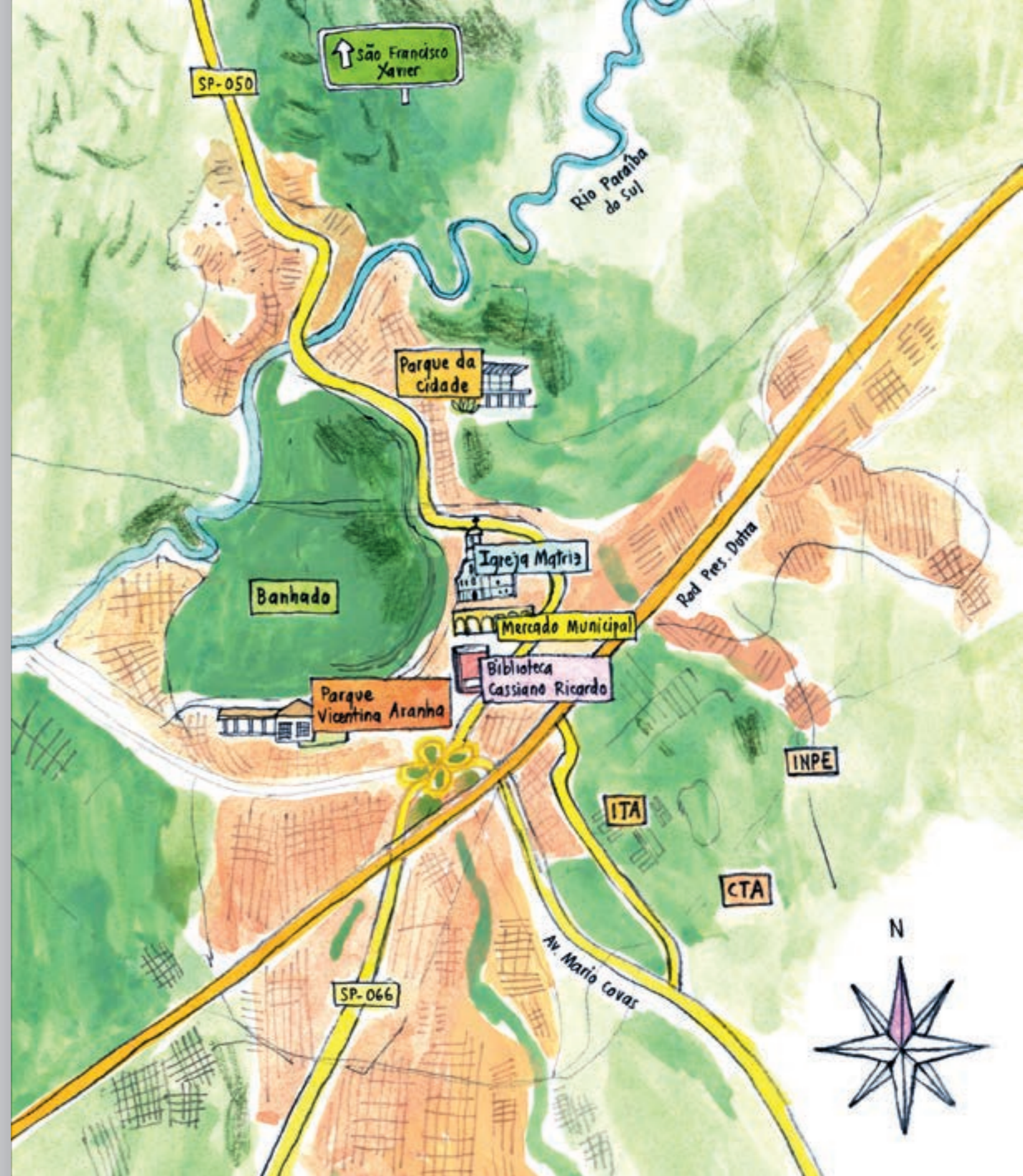
O processo de produção deste livro envolveu momentos mágicos de interação do autor, o escritor José Santos, com a comunidade da Escola Profª Maria Ofélia Veneziani Pedrosa, da rede municipal de São José dos Campos, misturando memória e literatura. E o encontro continuou na página eletrônica do projeto, na qual, além das redações dos alunos, há uma série de sugestões para a investigação dos temas locais em sala de aula.

O patrocínio da Monsanto e a parceria com a Secretaria Municipal de Educação de São José dos Campos foram fundamentais para o livro e a distribuição de sua tiragem inteira, gratuitamente, na rede pública de ensino da cidade.

Boa leitura.

Sumário

- 12 Parque da Cidade
- 18 Parque Vicentina Aranha
- 24 Banhado
- 30 São Francisco Xavier
- 36 Bolinho Caipira e João Deitado
- 42 Moda de Viola
- 48 Figureiras
- 54 Igreja Matriz
- 60 Mercado Municipal
- 66 Biblioteca Cassiano Ricardo
- 72 ITA, DCTA e INPE





Quem consultar o mapa, irá encontrar a nossa cidade bem no leste do estado de São Paulo, no famoso Vale do Paraíba. Estamos perto da capital, a apenas 89 quilômetros. E também de cidades importantes, como Jacareí, Caçapava, Taubaté e Aparecida.

Aqui vivem quase 700 mil pessoas, e apesar de nossa cidade ser "dos Campos", a maioria da população está na zona urbana. Nossos pais trabalham nos muitos empregos que existem no comércio, na educação e nas centenas de indústrias que foram instaladas em São José. Varias delas no campo da engenharia e da tecnologia aeronáutica, que é uma força da cidade.

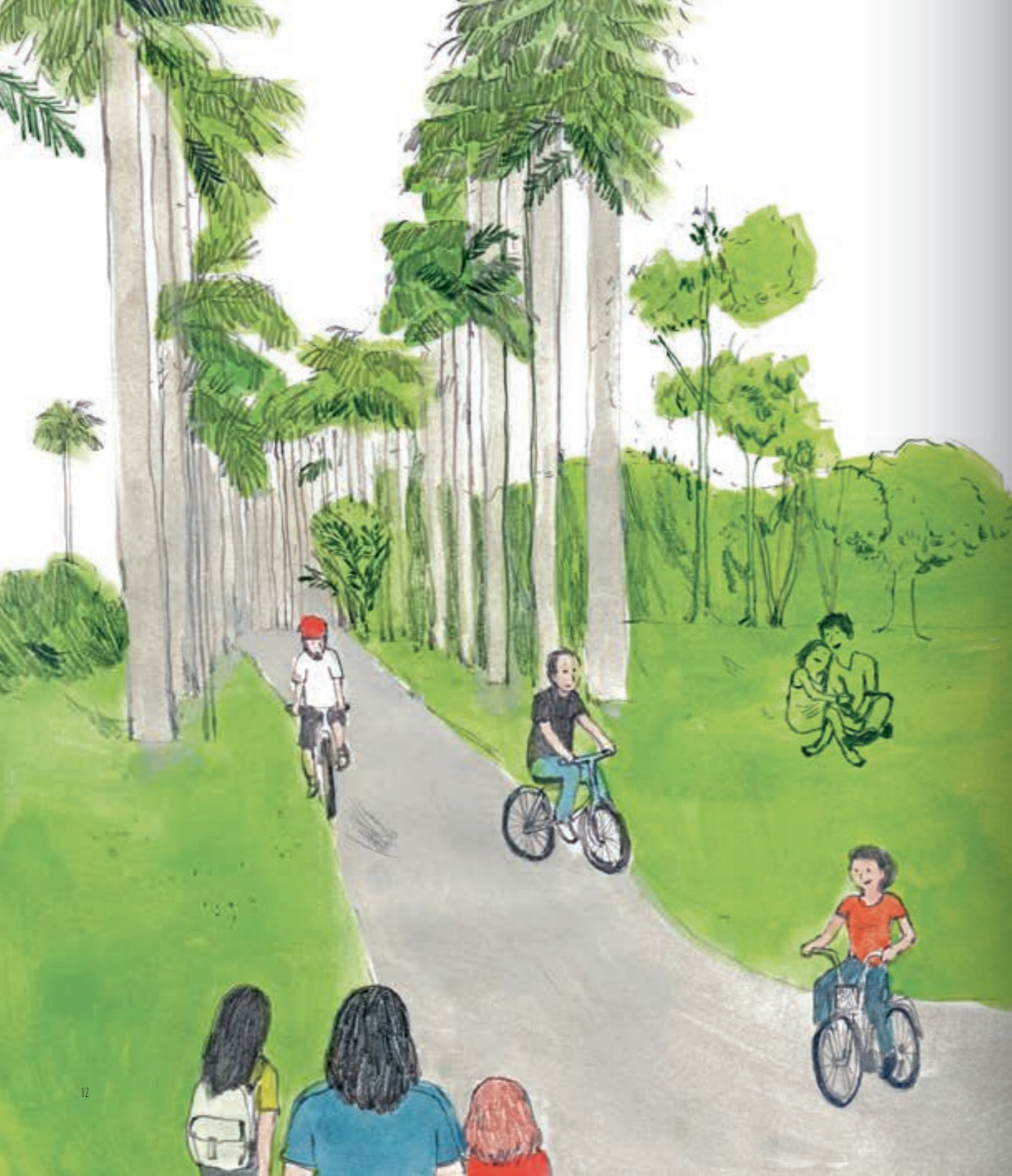
Somos a segunda cidade mais populosa do interior de todo o Brasil, só perdendo para Campinas. Pois todos querem viver aqui. Afinal, a cidade oferece muitas opções para o estudo e para o trabalho. Além de ter um clima bem agradável, graças à matas que nos rodeiam, tanto da Serra da Mantiqueira quanto da Serra do Mar.

Em 2017, completaremos 250 anos de existência. Sim, pois contamos essa data a partir do dia 27 de julho de 1767, quando a povoação foi elevada à categoria de vila, ganhando o nome de São José do Paraíba. Isso sem contar que, no final do século XVI, os jesuítas já haviam criado aqui a Aldeia do Rio Comprido. Pois é, temos muita história para contar.

E aqui, contamos um pouco dela, num olhar afetivo sobre o patrimônio de São José dos Campos. Seja o patrimônio material, como também o ambiental e o imaterial. Para isso, o projeto A cidade da gente teve como parceira a Escola Municipal Professora Maria Ofélia Veneziani Pedrosa, localizada no bairro do Jardim Limoeiro.

Durante o ano de 2015, seus alunos, professores e funcionários se envolveram ativamente no trabalho de pesquisa e redação de textos, editados pelo escritor José Santos e lindamente ilustrados pela artista Nara Isoda. E com a colaboração apaixonada da equipe da Secretaria Municipal de Educação. Entregamos agora ao leitor o resultado dessa produção coletiva voltada à educação patrimonial, reunindo um olhar amoroso de crianças e adultos à sua cidade, São José dos Campos.





Parque da Cidade

Hoje foi um dia de festa para os alunos do sétimo ano da Escola de Ensino Fundamental Profª Maria Ofélia Veneziani Pedrosa. Eles visitaram um dos lugares mais legais de São José, o Parque da Cidade, batizado como Parque Burle Marx. Lá, as crianças conheceram um patrimônio ambiental que conta com árvores de diversos lugares do mundo, e também seu patrimônio histórico – afinal ali existiu a Tecelagem Parahyba, fábrica de tecidos que funcionou no início do século passado. Além disso, estiveram no Museu do Folclore, que exhibe a cultura popular do Vale do Paraíba e do Litoral Norte.





No coração do parque se encontra uma casa belíssima, a residência da família Gomes, criada por dois nomes muito importantes do modernismo brasileiro: o arquiteto Rino Levi e o paisagista Roberto Burle Marx, que inventou jardins espetaculares.

Hoje a casa é aberta para a visitação e é possível ver como os modernistas pensavam o espaço de uma maneira diferente da habitual. Amplas salas, muito vidro e madeira e grandes janelas, demonstrando uma preocupação com a claridade e a ventilação. A casa é tão grande que dava pra morar a turma inteira lá. E vários professores também...

Com a ajuda das simpáticas guias da Fundação Cassiano Ricardo, todos conheceram mais sobre a vegetação e a biodiversidade presentes no parque. Viram árvores centenárias, animais da fauna local como capivaras, esquilos e lagartos, além de várias espécies de aves como papagaios, corujas, tucanos e viuvinhas. Que bom morar numa cidade que tem um parque tão bonito quanto esse!



Parque Vicentina Aranha



São José é mesmo uma cidade privilegiada pela natureza. Ela está situada entre duas serras importantes, a da Mantiqueira e a do Mar, que tornam a paisagem deslumbrante. E no espaço urbano, possuímos vários parques, que as crianças e famílias joseenses gostam muito de visitar – dentre eles, o Parque Vicentina Aranha. Lá, tudo é bonito, desde a paisagem até a arquitetura. É um lugar com muita história.

Com o nome de Sanatório Vicentina Aranha, ele surgiu no século passado, no ano de 1924, como um dos maiores centros para tratamento de tuberculose da América Latina. Tudo porque a cidade era famosa pelo seu clima. É que, nessa época, a tuberculose era uma doença perigosíssima, que exigia um período de repouso bem demorado, e os médicos sugeriam que o paciente ficasse num lugar bem agradável nessa temporada.

O surgimento desse centro atraiu outras instituições de saúde para São José. E famílias se mudavam para cá, para poder acompanhar o tratamento de seus parentes queridos. Esse período entrou para a memória da cidade como o Ciclo Sanatorial, de tanto movimento que a atividade gerou.



Como falar do Parque Vicentina Aranha sem falar de arquitetura? Sua construção teve à frente um dos mais importantes arquitetos do Brasil, Francisco de Paula Ramos de Azevedo. Para o leitor ter uma ideia, Ramos de Azevedo projetou o Teatro Municipal de São Paulo, além de catedrais, hospitais, asilos, quartéis, escolas, edifícios públicos e residências.

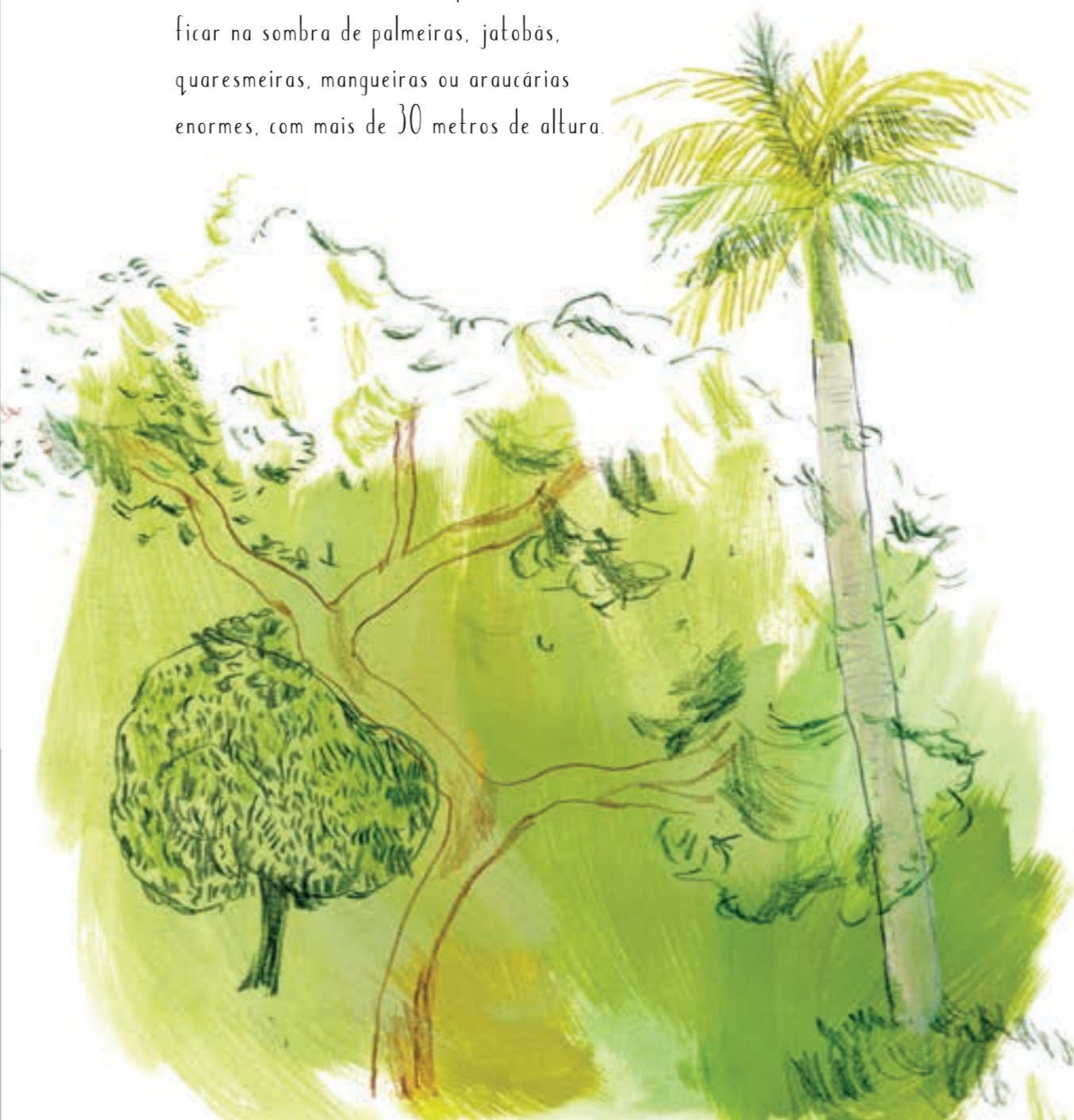
Hoje, o antigo edifício é um patrimônio público e pertence à Prefeitura Municipal. Após ter suas atividades encerradas, permaneceu fechado até 2006. Nesse ano, foi reaberto como parque para a população. Em um dos pavilhões, que já foi totalmente restaurado, o visitante pode conhecer uma exposição muito interessante: "Cenários da Ocupação Humana de São José dos Campos", que mostra um pouco de nossa história.



Muita gente procura o parque para realizar atividades físicas ou culturais. Mais de 600 mil pessoas o visitam anualmente, ou seja, 50 mil frequentadores por mês. Faça as contas desse número dividido pelos 30 dias do mês para saber quanta gente passa por lá todo dia. É uma multidão! Entre as atividades de bem-estar e saúde, o parque possui pista de corrida e caminhada e academia ao ar livre. Na área da cultura, oferece espetáculos musicais, cinema e teatro.



Além disso, lá existe um bosque maravilhoso, com 3.000 árvores de 100 espécies diferentes, espalhadas em 85 mil metros quadrados. É uma das maiores áreas verdes da cidade. Ali podemos ficar na sombra de palmeiras, jatobás, quaresmeiras, mangueiras ou araucárias enormes, com mais de 30 metros de altura.



Banhado

Falando nas áreas verdes que encontramos dentro da cidade de São José, a maior delas é o Banhado. Ele está bem no coração da cidade, e houve uma época em que era chamado de “mar joseense”. Isso porque, antes da construção das represas em volta de São José, ela alagava em períodos de cheia do Rio Paraíba do Sul.

Num passado ainda mais remoto, até cerca de 100 anos atrás, ali havia uma floresta, que foi toda derrubada para se transformar em dormentes e postes das linhas de trem que cruzavam a cidade. Mesmo assim, o Banhado tem, ainda hoje, um papel ambiental importantíssimo para São José, seja na regulação do clima, no abrigo da vida silvestre ou como reserva da biodiversidade. E é por isso que, em 1984, foi fundada a Área de Proteção Ambiental do Banhado, impedindo qualquer intervenção do homem em sua natureza. Que bom!





O Banhado é um dos principais cartões-postais da cidade. É para reforçar aquela história do mar joseense, temos nossa própria "orla" na beirada dessa área verde, com ciclovia, trilhas, jardins, banquinhos e até um mirante. É um belo passeio, especialmente nos finais de semana de céu limpo, quando o pôr do sol é a grande atração. Nesses dias, podemos ver na orla do Banhado uma multidão que está ali para desfrutar esse espetáculo da natureza. Espetáculo gratuito, pois a natureza não gosta de cobrar ingresso.



A orla do banhado possui dois monumentos importantes. Um deles é a estátua do Soldado com Bandeira, uma homenagem aos soldados de São José e Caçapava que foram lutar na Segunda Guerra Mundial. O outro é o Obelisco MMDC, uma homenagem aos quatro jovens mortos durante a revolução constitucionalista de 1932: Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo. Um deles, Euclides Miragaia, era joseense.



São Francisco Xavier



A cidade de São José se situa aos pés da Serra da Mantiqueira, e parte de seu município alcança o topo de suas montanhas. Lá em cima, em meio a um relevo de montanhas e vales, se encontra o distrito de São Francisco Xavier. Ele fica a 60 quilômetros de distância da cidade, percorridos por uma estrada cheia de curvas e ladeiras. Mas, quando chegamos, a bela vista panorâmica de São José e das cidades vizinhas do Vale do Paraíba já faz a viagem valer a pena. Além de ter uma paisagem com muito verde e bem preservada.

Essas belas matas escondem grandes atrações turísticas: as cachoeiras. São Francisco possui muitas delas, como a cachoeira das Couves, a do Rochedo, de Pedro Davi e a do Roncador, que tem uma queda de 45 metros de altura.

Os habitantes de São Francisco Xavier – 1.352, no último censo – vivem uma vida tranquila, trabalhando em sítios, em chácaras e no comércio. É também no setor de turismo, que cresce a cada ano: a região possui dezenas de pousadas e pequenos hotéis muito simpáticos, que estão sempre cheios nos fins de semana e feriados.

A Escola Municipal Mercedes Rachid Edwards atende a maioria das crianças de São Francisco e também participou do projeto *A cidade da gente*, levando um grupo de alunos para tocar e cantar em São José. Foi uma confraternização muito bonita.





São Francisco abriga um dos mais importantes festivais literários do estado de São Paulo, o Festival da Mantiqueira. Anualmente sobem a serra escritores muito conhecidos, para conversar com o público e também ensinar os artificios da literatura em oficinas de criação. Mais de 100 deles já estiveram aqui. E dos autores que escrevem para jovens, podemos citar Luiz Ruffato, Antonio Prata e Fabricio Carpinejar. Confira na sua biblioteca se os livros deles estão por lá.

Bolinho Caipira e João Deitado



A culinária da nossa região é conhecida como culinária caipira. A colonização do Vale do Paraíba se deu por causa da passagem dos tropeiros, que transportavam em lombo de burro as mercadorias pelas cidades da região. Feijão-tropeiro, bolinho caipira e João Deitado são algumas de nossas comidas típicas.

Para se alimentarem, os tropeiros faziam uma mistura de farinha de milho, água quente e tempero. A massa servia para enrolar um pequeno peixe, que posteriormente passou a ser substituído por carne. Daí vem o nosso bolinho.





Em cada cidade da região, o Bolinho Caipira é feito de uma maneira. Os ingredientes do nosso são esses: farinha de milho; farinha de mandioca; óleo; água; cheiro-verde; 1 limão; carne moída; pimenta-do-reino e sal. Com a massa pronta, são feitos os pequenos bolinhos, que depois são colocados para fritar em óleo bem quente. Fica uma delícia e eles não podem faltar nas festas juninas e religiosas daqui.



Já vamos avisando que o João Deitado é uma comida; e as crianças podem ficar tranquilas, que ninguém aqui é canibal. Trata-se de uma broa de fubá assada na folha de bananeira, típica de São Francisco Xavier. É também uma influência dos tropeiros. Na broa vão fubá, ovos, açúcar, erva-doce, fermento, leite e óleo. Com a massa pronta, pegue um pedaço de folha de bananeira e coloque duas colheres da mistura. Enrole e leve ao forno quente para assar. Vai muito bem no lanche da tarde, com goiabada e um café bem quentinho.



Moda de Viola



A viola também é uma parte importante da cultura caipira. Mas é melhor explicar primeiro o que é a viola. Ela é um instrumento musical de cordas, com cinco cordas duplas, muito popular no nosso interior.

Quem consultar uma enciclopédia verá que a viola é chamada de muitos nomes. Quer conhecer alguns? Viola caipira, viola sertaneja, viola de pinho, viola de arame, viola nordestina, viola cabocla, viola cantadeira, viola de dez cordas, viola de queluz e, claro, viola brasileira.

É maravilhoso quando temos apresentação da Orquestra de Viola Caipira, um dos tesouros culturais aqui da cidade. Como diz o nome, ela é uma formação musical, do mesmo jeito que uma orquestra sinfônica, só que em vez de violinos, oboés e fagotes, todos os instrumentos são violas de 10 cordas, com diferentes afinações. Em seu repertório estão músicas tradicionais, de compositores como Tião Carreiro e Mario Zan, e também de grandes nomes como Rolando Boldrin e Renato Teixeira.



A orquestra já existe desde 1991 e é mantida pela Fundação Cassiano Ricardo, sempre envolvida nas principais atividades culturais da cidade. Você já foi ouvir a orquestra? Vale a pena, peça seus pais para te levarem em um apresentação.

Um importante nome joseense da moda de viola é o Zê Mira, artista já falecido, mas que continua vivo por meio de suas músicas e histórias. Sua vida teve de tudo: foi tropeiro, agricultor, serrador, carpinteiro, pedreiro e, principalmente, violeiro. E foi um dos maiores divulgadores de nossa cultura popular, participando de grupos de Folia de Reis, Jongo, Congada, Moçambique e Catira. Seu Zê, é claro, foi um dos fundadores da Orquestra de Viola Caipira.

Se você ficou curioso com sua história, saiba que ela virou um livro muito interessante, em que Zê Mira conta seus "causos" e relatos para a pesquisadora Lídia Bernardes. O livro se chama *Nas trilhas do Zê Mira – um caipira mira o Vale do Paraíba*. Vale a pena lê-lo e conhecer também o Instituto Cultural Caipira Zê de Mira, que fica em uma casa de taipa, levantada por ele mesmo e amigos, onde hoje se valoriza a cultura popular e se mantém viva a tradição da vida rural. O instituto fica em frente ao Parque Burle Marx, e serve como ponto de encontro para os músicos, que se apresentam aos sábados, em rodas típicas de viola.



Figureiras



As figureiras são artesãs que fazem esculturas de argila, pequenas, delicadas e bem coloridas, com temas de animais, pessoas e santos.

Elas vendem seu trabalho em feiras, mercados, festas ou em suas próprias casas. Estão em todo o Vale do Paraíba, principalmente aqui em São José dos Campos. A mais famosa é a Dona Lili, que fez muitas exposições, visitou escolas, e todo mundo na cidade conhece. Afinal, ela dedicou sua vida a esse belo trabalho.





Do encontro mágico entre o barro cru e as mãos criativas das figureiras surgem santos, presépios, carros de boi e galinhas, além dos lindos pavões azuis que já viraram um símbolo do artesanato paulista. Elas modelam suas obras usando o barro, que é amassado delicadamente com os dedos, e, para dar acabamento, empregam ferramentas improvisadas, como palitos, facas e hastes de bambu. Com o trabalho das figureiras, a vida cotidiana, sua fé religiosa e a natureza do Vale se transformam em figuras inesquecíveis, que todos da região guardam com muito carinho em suas casas.





Dona Lili Figureira, batizada Maria Benedita dos Santos, é uma das mais conhecidas e tradicionais artistas populares do Vale do Paraíba.

Ela nasceu em Taubaté, mas se mudou ainda pequena para a nossa cidade, e aqui criou uma tradição familiar com a produção de peças de barro feita por filhos e netos. Ela própria, com seis anos de idade, começou a aprender essa arte com sua avó, que fazia potes, moringas e outros utensílios de barro. E sabe o que esculpiu em sua primeira peça? Uma galinha.

Pelo seu trabalho, Dona Lili foi homenageada várias vezes, tendo recebido até mesmo o título de Mestre da Cultura pelo Ministério da Cultura em 2009.



Igreja Matriz

A nossa igreja matriz é dedicada a São José e fica no marco zero da cidade, quer dizer, o ponto a partir do qual todas as distâncias são medidas. Por exemplo, do marco zero de São José, a distância até São Paulo é de 89 quilômetros. E a matriz também é marco da vida religiosa católica por aqui, com missas, procissões e festas religiosas, como a Festa do Padroeiro, realizada no dia 19 de março.

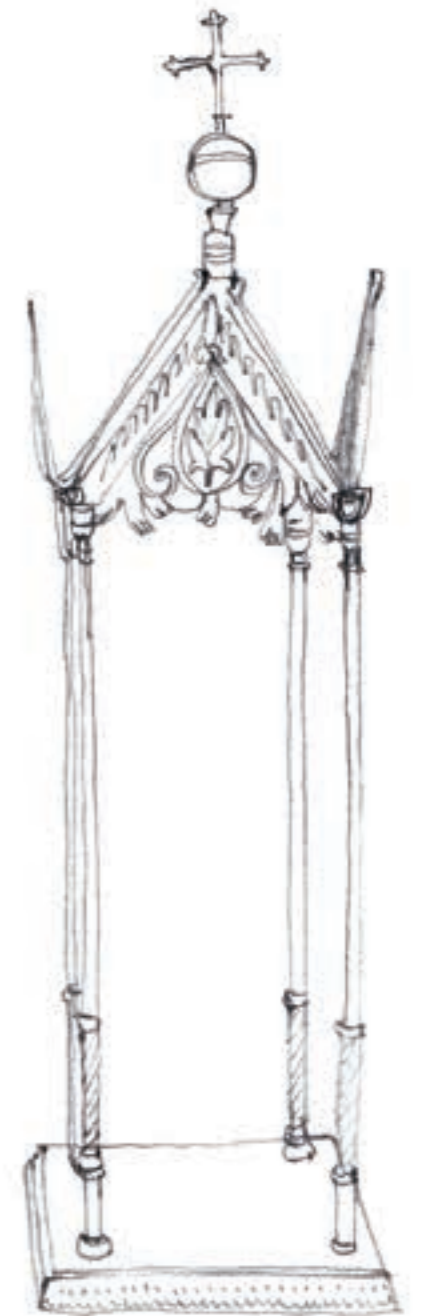




A Igreja Matriz de São José dos Campos foi inaugurada em 1934, mas sua história é bem anterior. Primeiro, havia ali a capela de São José, construída em 1643, época em que ainda viviam muitos indígenas na região, nossos primeiros habitantes. Em 1831 houve uma forte chuva e esta capelinha desmoronou, restando apenas o altar. Ela então foi reconstruída em taipa de pilão, técnica em que as paredes são feitas de barro amassado. Como a taipa não é um material tão resistente, depois de 100 anos foi construída ali outra edificação, agora em alvenaria, que é a matriz atual.



Perto da Matriz, no calçadão, estão o Mercado Municipal e o Museu de Arte Sacra. Inaugurado em 2007, o museu possui um acervo muito interessante. Ele está instalado na Capela Nossa Senhora Aparecida, e quem visitá-lo vai encontrar uma exposição com imagens como a do Senhor dos Passos e de São Domingos de Gusmão. E também objetos litúrgicos, oratórios, livros religiosos, bandeiras de procissão... Para quem ainda não foi ao museu, fica aqui um desafio: tente encontrar lá um púlpito, uma naveta e um baldaquino.



Mercado Municipal



Todo mundo de São José passa pelo calçadão do centro da cidade. E lá está o Mercado Municipal, o popular Mercadão. Ele foi inaugurado em 1921 e é um centro de compras muito procurado por joseenses e moradores de todo o vale. Em 1994 foi restaurado, facilitando a vida dos expositores e clientes, mas sem deixar de lado esse jeito gostoso de feira livre, com bancas e os produtos pendurados.

Nos 100 pequenos estabelecimentos, encontramos frutas, verduras, peixaria, açougue, temperos, plantas, raizeiros, lanchonetes, doces e pastéis. O pastel da Sonia, com uma infinidade de recheios, é um dos mais famosos da região.

Mas o nosso tradicional mercado também gosta de inovação. Está na internet, no endereço www.mmsj.com.br. E seu site é considerado um dos melhores de mercados do Brasil – afinal, temos a foto de cada comerciante, sua banca e um descritivo muito bem-feito dos produtos que ele expõe ali. Pena que ainda não tenhamos a venda online de pastel...

Os alunos visitaram o mercado e trouxeram informações muito interessantes. Descobriram o senhor Orlando na banca 64, que vende todos os tipos de tempero: pimenta-do-reino, colorau, cominho, tempero baiano, caldo de galinha, caldo de carne, erva-doce, camomila, canela, cravo-da-india, orégano, linhaça...



E logo ao lado, na banca 65, está o senhor Moacir, um verdadeiro farmacêutico popular. Com ele podemos encontrar ervas para emagrecimento, garrafadas para bronquites, reumatismos, diabetes e até para ajudar a engravidar, além de ervas que tratam a sinusite, gastrite, colesterol alto, hipertensão e complicações do fígado.



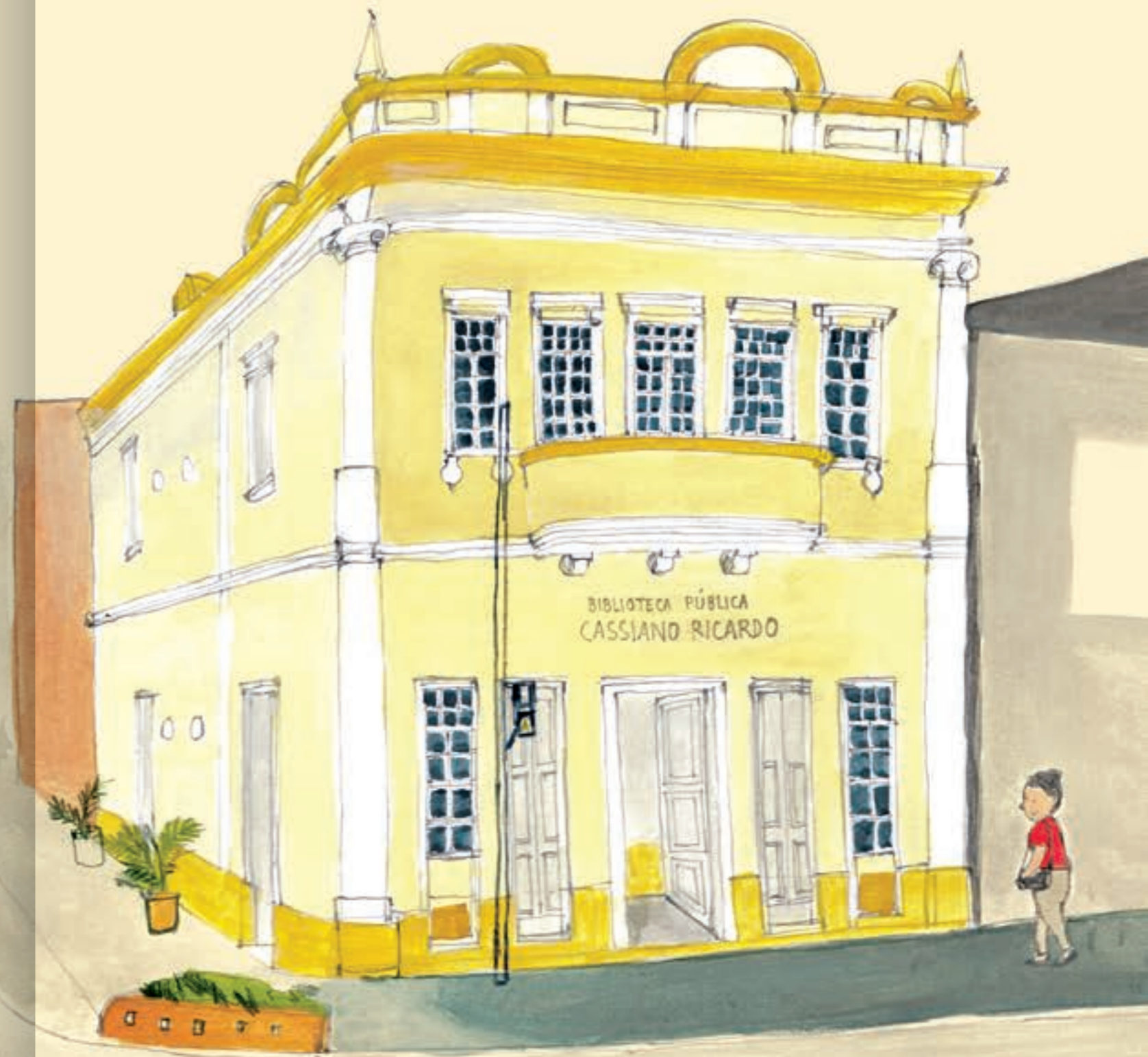
É quem vai ao mercado pode terminar fazendo uma viagem: visitar o box 35, do senhor Watanabe, por exemplo, é um jeito de estar no Japão. A Nara, nossa ilustradora, há pouco tempo esteve nas ilhas japonesas e se divertiu muito desenhando o simpático comerciante e seus principais produtos: o tofu, conhecido queijo de soja; o leite de soja; o molho shoyu; e o takenoko, ou broto de bambu. E a lista não acaba. O senhor Watanabe vende cogumelo shitake fresco ou seco, óleo de gergelim, vinagre para sushi, macarrão de yakisoba, e não poderia faltar o sembei, que é o biju oriental. Estão todos convidados a fazer uma viagem de volta ao mundo, dentro do nosso mercado. E nem precisa ter passaporte.



Biblioteca Cassiano Ricardo

A Biblioteca Pública Cassiano Ricardo é uma das riquezas de nossa cidade. Desde 1980, ela ocupa o mesmo prédio da Rua XV de Novembro, mas antes, já ficou na Rua Major Antonio Domingues e no Parque Santos Dumont. Qualquer pessoa pode visitá-la, ler seus livros, jornais e revistas. E até levar material emprestado para casa.

Na Antiguidade, não era assim. As bibliotecas ficavam em templos e palácios. Ninguém podia chegar perto. O saber era sagrado e só os sacerdotes, os únicos que sabiam ler e escrever, é que tinham o seu comando. Que bom que tudo mudou, não é mesmo?





Os estudantes da cidade sempre visitam a biblioteca. E a Escola Maria Ofélia levou duas turmas de alunos para conhecê-la. Lá eles aprenderam muitas coisas, que deixam registradas aqui neste livro. Ela é mantida pela Fundação Cultural Cassiano Ricardo, que pertence à Prefeitura, e seu prédio atual foi construído em 1909 para ser o primeiro Teatro Municipal da cidade.

A biblioteca possui milhares de publicações. Sendo mais preciso, um acervo com 70 mil livros para pesquisa e leitura, além de um arquivo só de jornais e revistas que tem um nome complicado: hemeroteca. E há também CDs, mapas, partituras musicais, material com escrita em braile para deficientes visuais... E computadores para consulta do material interno e também na internet. Ficar lá é tão tranquilo e silencioso que dá para ficar o dia inteiro sem perceber o tempo passar.





E vamos falar agora sobre Cassiano Ricardo, que dá o nome à nossa biblioteca. Mas vamos falar só um pouquinho, porque ele fez tanta coisa, que seria preciso alguns livros para dar conta de tudo. Ele é o maior escritor joseense, nasceu aqui em 1894, numa casa da Praça Cônego Lima. Passou a infância entre a cidade e a fazenda, onde fica o bairro Vargem Grande, pescando nos rios Buquira e Paraíba.

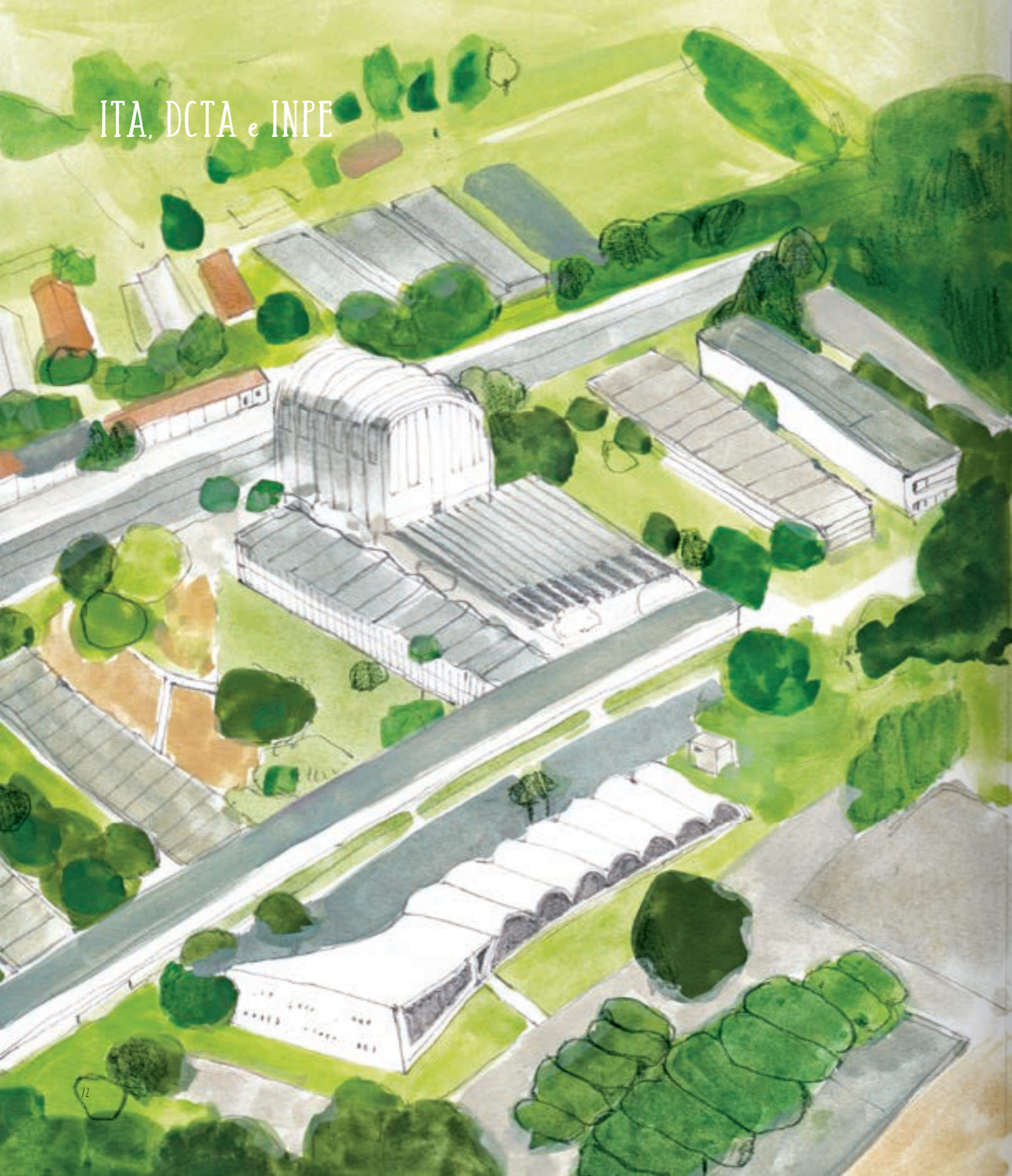
Cassiano teve participação ativa no movimento modernista, publicou dezenas de livros e os temas brasileiros foram sua grande preocupação. Seu livro mais famoso é *Martim Cererê*, publicado em 1928 e muito lido até hoje. Vejam que interessante o trecho desse poema dele, do livro *Jeremias Sem-Chorar*.

Poética

1
Que é a Poesia?
Uma ilha
Cercada
De palavras
Por todos
Os lados



ITA, DCTA e INPE



São José dos Campos é considerada a capital da aviação no Brasil. Isso se deve a algumas instituições que mudaram a vida da cidade ao se instalarem por aqui. É tanta pesquisa e tecnologia que às vezes parece que estamos observando o futuro quando falamos do ITA, do DCTA e do INPE.

Era um sonho antigo. Imaginem que Alberto Santos Dumont, o pai da aviação, já havia escrito sobre a criação de uma escola técnica, no Brasil, voltada para este universo de máquinas voadoras. Isso lá em 1918. Basta conferir no livro dele *O que vi, o que veremos*. E esse centro de tecnologia virou realidade, três décadas depois, aqui em São José.

O DCTA é o Departamento de Ciência e Tecnologia Aeroespacial. Foi pensado nos moldes do Massachusetts Institute of Technology (MIT), nos Estados Unidos, um dos centros de pesquisa mais respeitados do mundo, e promove coisas interessantíssimas. A Jornada Espacial existe há 13 anos e em 11 deles foi realizada aqui na cidade. Ela reúne 50 alunos do ensino fundamental e médio de todo país, que tiraram as melhores notas na OBA, a Olimpíada Brasileira de Astronomia. Na Jornada, interagem com pesquisadores e técnicos que atuam no setor aeroespacial.

E nossas crianças e jovens têm acesso a uma atração inesquecível do DCTA. Um observatório astronômico, aberto ao público nas noites de terça-feira. Ali elas podem perceber a vastidão do universo, vendo detalhes da mancha de Júpiter, dos anéis de Saturno e até a órbita do ex-planeta Plutão. Uma menina disse que viu, por uma luneta, São Jorge galopando numa das crateras da lua e levando na garupa seu amigo São José. Você acreditaria?

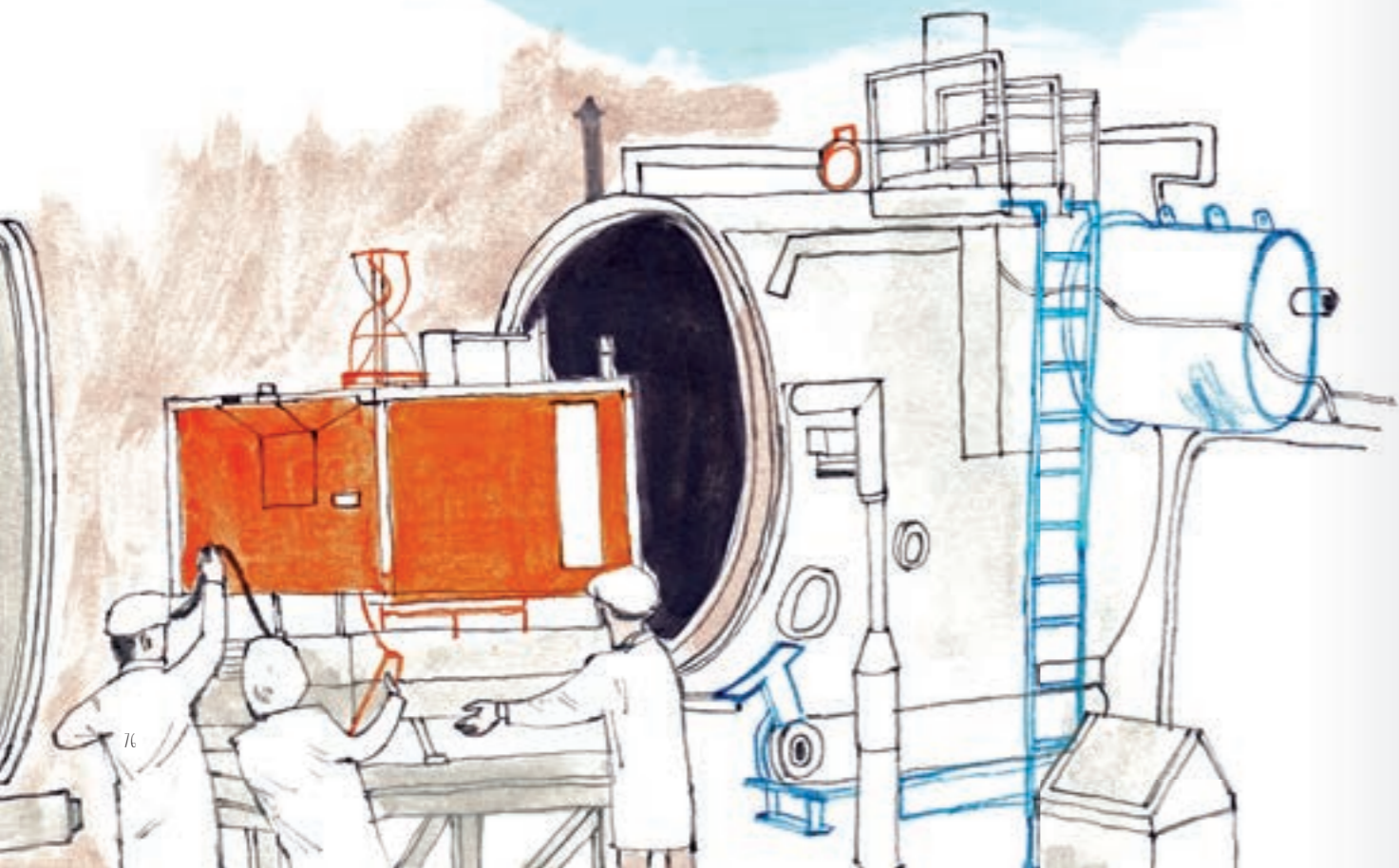


Em matéria de educação, o ITA, Instituto Tecnológico de Aeronáutica, é um dos nossos maiores orgulhos, considerado um centro de referência no ensino da engenharia no Brasil. Como o nome já diz, ele é ligado à Aeronáutica e está localizado no Departamento de Ciência e Tecnologia Aeroespacial. Para estudar lá, é preciso passar num dos mais difíceis vestibulares do país, com cerca de 45 candidatos por vaga. E depois esses jovens esforçados podem escolher entre vários tipos de engenharia para se especializar, até Engenharia Aeroespacial. Já pensou virar astronauta?

O ITA foi criado em 1950, e mais de 6.000 alunos já se formaram nesta importante instituição. Possui 700 alunos na graduação, 180 professores e 150 funcionários. E falta falar da pós-graduação: 1.700 alunos entre mestrado, doutorado e outras categorias. Por aqui, quando um aluno é muito estudioso, logo a professora diz: esse vai estudar no ITA!

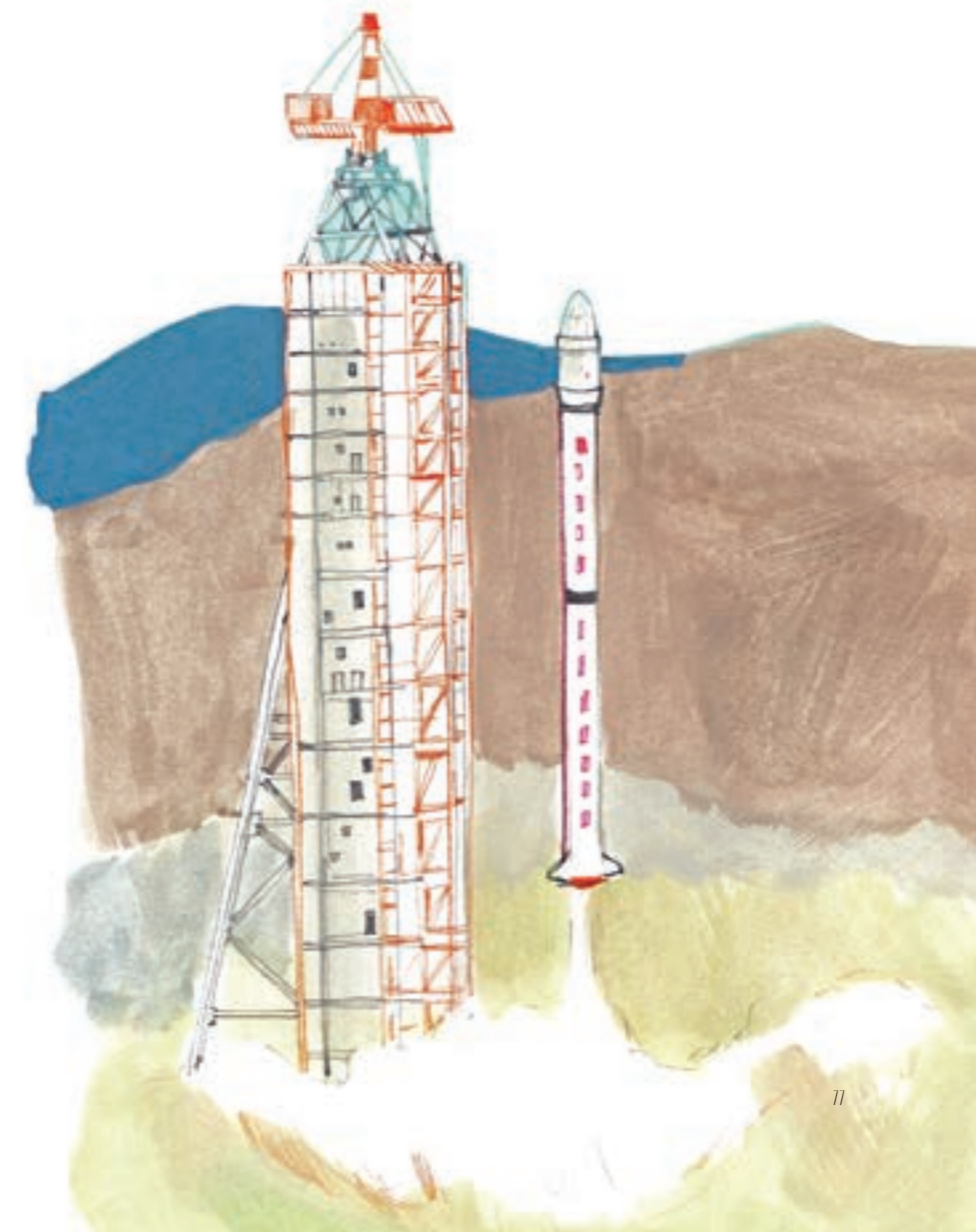


Uma estudante fez um comentário muito interessante. Sorridente, ela disse que o INPE, Instituto Nacional de Pesquisa Espacial, tinha muito em comum com o poeta Cassiano Ricardo. Sabem por quê? Ah, porque fizeram coisas demais. Ela dizia que ficava cansada só de pensar em tudo o que o INPE está envolvido. Realmente, é muita coisa. Ele é dedicado à pesquisa e exploração espacial, e foi criado em 1961. O instituto tem instalações em doze cidades: São Paulo, Brasília, Alcântara, Atibaia, Belém, Cachoeira Paulista, Cuiabá, Eusébio, Natal, Santa Maria, São Martinho da Serra e São Luís, e sua sede se encontra aqui em São José.



Ele atua nos campos de Ciência Espacial e da Atmosfera, das Aplicações Espaciais, da Meteorologia e da Engenharia e Tecnologia Espacial. No INPE se discute o lançamento de foguetes e satélites. Além disso, ele executa previsão do tempo e também monitora as queimadas no nosso território, e oferece mestrado e doutorado para centenas de alunos em áreas que vão da astrofísica à mecânica espacial. Uma curiosidade: embora imaginemos o INPE entre estrelas e cometas, ele já promoveu viagens a lugares longínquos do nosso próprio planeta, como no caso da incrível expedição científica à Antártica, feita em 1982.

Falamos já de muitas coisas de São José, não é mesmo. Da sua natureza, da riqueza da cultura popular, da educação, da tecnologia. De pessoas interessantes que moram ou moraram por aqui. Nossa querida cidade, cheia de vida, com encantos que é sempre bom redescobrir para gostar ainda mais de onde estamos. São José, a cidade da gente.





Edição: Otavio Nazareth

Projeto gráfico: Daniel Brito

Ilustração: Nara Isoda

Revisão: Fábio Bonillo

Produção editorial: Monique Rosa

Tratamento de imagens e produção gráfica: Ângelo Baima

Impressão: TypeBrasil

Agradecemos a toda a comunidade de São José dos Campos que nos recebeu de braços abertos e com muito interesse pelo projeto. Em especial aos alunos, professores e funcionários da Escola Profª Maria Ofélia Veneziani Pedrosa, à Secretaria Municipal de Educação de São José dos Campos, a Maria Luiza Degasperi, Monica Camargo e à equipe local da Monsanto.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santos, José
São José dos Campos : a cidade da gente / José Santos ;
ilustração Nara Isoda. -- São Paulo : Editora Olhares, 2016.

ISBN 978-85-62114-55-7

1. São José dos Campos (SP) - História - Literatura infantiljuvenil I. Isoda, Nara. II. Título.

15-11366

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. São José dos Campos : São Paulo : Estado : História :
Literatura infantil 028.5
2. São José dos Campos : São Paulo : Estado : História :
Literatura infantiljuvenil 028.5

Patrocínio



MONSANTO



Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

Produção executiva

Apoio

doble
cultura+social



Secretaria de
Educação



OLHARES

© 2016 Editora Olhares e autores.

Este livro foi composto em Gotham e Tall Abbey, impresso pela gráfica
TypeBrasil sobre papel offset Fosco 150g em maio de 2016.





Era uma vez São José dos Campos. Um dia a gente que morava lá percebeu que a história da cidade era a sua própria história... O Banhado e o Parque da Cidade, o bolinho caipira e a moda de viola, Cassiano Ricardo e a Igreja Matriz fazem parte dessa história, contada com a ajuda das crianças da cidade.



MONSANTO



Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

ISBN 978-85-62114-55-7

